

(SOBRE)VIVÊNCIAS: SENDO CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RUA JUNTO A EDUCADORES SOCIAIS

PAIVA, Jacyara Silva de – UFES

GT-06: Educação Popular

1. TRAJETÓRIA DA PESQUISA E METODOLOGIA PROPOSTA

Optamos por uma metodologia de inspiração fenomenológica existencial, pois nos parece ser este um método de pesquisa mais adequado para estudar a experiência vivida, de crianças e adolescentes em situação de rua.

Os sujeitos dessa pesquisa são todas as crianças e adolescentes em situação de rua com os quais tivemos contato na produção de dados. Com alguns tivemos vários encontros, com outros apenas um. Com o tempo vivido na pesquisa, emergiram três adolescentes que com suas narrativas e histórias.

A pesquisa foi desenvolvida nas ruas do Município de Vila Velha/ES, com olhar sentido voltado para crianças e adolescentes em que as ruas são ou estão sendo o seu local de trabalho ou o seu lar.

Como convém a um estudo de inspiração fenomenológica, a fonte essencial de dados foram os relatos/narrativas da pesquisadora e das crianças e adolescentes em situação de rua.

Os procedimentos descritos a seguir, que foram utilizados se respaldaram em Erthal (1994), Forghieri (2001) mergulhamos existencialmente junto às crianças e adolescentes em situação de rua, e de modo inter-dinâmico, nos distanciamos reflexivamente. Na reflexão é que se procura apreender os significados do que é e como é ser sendo; tentamos, na reflexão, capturar a existência vivida de ser sendo ali na rua ou outro espaço; finalmente, tentamos integrar as partes percebidas/sentidas, procurando compô-las dentro desse mosaico do tipo quebra-cabeça existencial.

2. A RUA: O INÍCIO, A RUGA, LABIRINTOS...

Objetivo da pesquisa aqui - descrita nas interrogações de pesquisa - é o de descrever a experiência com a rua e o seu significado, e com isso desvelar os sentidos que conduziram a esse lugar/ espaço público.¹

A rua foi para mim, o espaço de brincar de pique, de queimada, de cabra cega, de amarelinha, de roda. Era um tempo gostoso compartilhado pelos vizinhos das noites em que faltava luz.

Nesse espaço aprendíamos a viver em grupos, a (com)partilhar as brincadeiras, inventar estórias, criar brinquedos. A rua é o meu lugar de trabalho. Minha ruga!

3. APRESENTANDO OS RESULTADOS E DISCUTINDO-OS

Estive a (pró) cura dos modos de ser sendo das crianças e adolescentes em situação de rua e como podemos compreender a força de um grupo na sobrevivência existencial deles. Nada muito obsessivo, mas algo que vem para orientar-me! O sentido, diz-nos Frankl (1991) é algo que nos dá um rumo e uma direção ao nosso ser sendo.

Inspirada no que foi possível pela leitura existencial (empática) que fiz (SCOREL, 1999) - atravessei o “deserto do campo de pesquisa à flor da pele”, às vezes com coragem, outras vezes com covardia outras ainda, com ousadia e raro atrevimento. Muitas vezes, me envolvi e precisei de muita força para distanciar-me da situação, para que a pesquisa não perdesse a possibilidade de ser descrita (e testemunhada pelos leitores), mas apreendi que as capturas acontecem a despeito das teorias que estão em nossa mente, afinal estamos falando do ser, o ser que se (re)faz e refaz, o ser que vive, sobrevive, resiste aprende.

Uma atitude (e habilidade) indispensável é a escuta, o diálogo, o respeito por aquele de quem se está diante. Sem uma escuta, sensível e refinada, pouco é possível. Um cuidado

¹ A partir desse capítulo há o uso constante da primeira pessoa do singular, visto que é um pouco da minha história vivida e que conduziu o meu olhar de pesquisadora para a rua.

com os meninos e meninas que já naturalizam as injustiças recebidas, e o desempenho cuidadoso na ajuda concreta e psíquica. Também se torna vital uma escuta ativa, onde se abre ao diálogo (Freire, 1988). Um diálogo impregnado de afeto, mas também respostas dialogadas com teor crítico social. Neste aspecto Paulo Freire é o teórico que mais auxilia o ofício de ser educadora de rua.

Os relatos dos grupos indicam também que nenhum menino rompe de vez com a escola, com a casa e com a família. O rompimento acontece como “se a noite que vai sendo tragada pelo dia”:, trata-se de um modo de ser sendo “otimista trágico”, no dizer de Frankl (1991) há alienação que o faz enfrentar, há sorrisos e alegria em meio a tragédia.

Começa indo para rua um dia, depois vai dois, vai prolongando cada vez mais o tempo de permanência na rua. As crianças e adolescentes em situação de rua vão se encontrando, encostando, agrupando, se tocando. Vão se fazendo pertencer, até que um dia dormem nas ruas “iluminados pela luz da lua” . Este é como se fosse mais um ritual de passagem para viverem uma situação de rua. Talvez o último ritual. Uma experiência nem sempre positiva, mas que os sujeitos nela inventam “táticas” (CERTEAU, 1994) que provocam seus modos de ser sendo na invenção de sentido de vida.

(...) eu não vinha para rua todo dia, quando eu era pequena vinha com minha avó catar papelão, agente não vinha todo dia, depois eu cresci e comecei a vir com as minhas primas todo dia depois da escola, ai agente começou a faltar aulas alguns dias e vinha direto para Coqueiral, um dia a gente perdeu o (colocar relato) ônibus ai dormimos aqui com os meninos que a gente já conhecia, fiquei com medo, mas depois até gostei, dormimos com os meninos numa casinha na praça. Agora acho que tem um mês que tô na rua direto, mas eu vou em casa levar dinheiro para minha vó [J. 10 anos de idade] (PAIVA, Diário Itinerante).

Durante todo tempo de produção de dados escutamos discursos “cacos”, como metafóricas peças (lingüísticas) soltas, monossilábicas. Esses fragmentos se

transformam num imenso quebra-cabeça que pode ou não ser montado ou decifrado pelo pesquisador (e pelo leitor).,

Estou nas ruas há um tempão [balança as mãos e olha para cima]. E eu não acho ruim não, aqui eu fico com quem eu quero, ontem fiquei com A, amanhã já combinei ir para casa do pai do meu filho, aquele taxista tia, ele queria até casar comigo, eu que não quero [V.16 anos de idade , paulista, há 3 anos em Coqueiral, portadora do vírus HIV] (Diário Itinerante).

No grupo, as crianças e adolescentes irão encontrar ou eleger o Pai e a Mãe de rua, reproduzindo a família que deixaram e que a sociedade maior impôs. De qualquer modo se revelam nos modos de ser sendo do desejo de proteção. A mentira também é usada como um mecanismo de proteção, e é por isso que é aceita no grupo, fazendo parte das regras constitutivas para sobrevivência e enfrentamentos. O Pai e a Mãe de rua - de uma maneira geral - são adultos, que protegem, educam, exploram, impõe castigos cruéis e, por isso, são extremamente respeitados pelas crianças e adolescentes que vivem em situação de rua, e da escola fala-se muito pouco.

Tia eu não sei de nada que me ensinaram na escola. A tia de lá falava e a gente não guardava na cabeça. Eu não tirava nota boa. Tudo que a tia ensinava era complicado, aí eu largava de mão e fazia a maior zona na sala, mas eu gostava da escola [F., 12 anos de idade; um dos poucos que revelou, sem eu perguntar, que desejava retornar à escola] (Diário Itinerante).

É uma verbalização rara essa. O grupo de rua não recompensa essa instituição. Nesse clima persecutório contra tudo de nomear o que se Vê/ Escuta/ Sente diz-se que “(...) aqui X9 não tem vez não” relata o adulto R que lidera o grupo da Praia da Costa. Não se pode dever “dinheiro” (ou outro objeto de troca) também. As dívidas precisam ser pagas sob pena de quem não o faz termina pagando com a própria vida ou tendo castigos como surras e estupros.

(...) uma vez tia veio um carinha lá da Serra, pegou duas garrafinhas de “tinner” e na hora de pagar mandou a gente se f..., ai a galera pegou ele. Ele foi mulher de todo mundo. Nunca mais ele apareceu aqui e se aparecer a galera pega ele [M. de 14 anos] (Diário Itinerante).

Eles possuem um ordenamento jurídico próprio e burlam as normas sociais. Eles saem de casa (denunciando que ficar ali nem sempre é bom). Vão “morar” nas ruas, e quando chegam, eles o fazem nos modos de ser sendo com necessidade de conforto e de denúncia social: vão morar em lugares “nobres.”

A realidade dos diversos grupos existentes nas ruas de Vila Velha pode ser percebida, essas crianças sobrevivem entre a tragédia e a inocência, ora sendo caça ora caça(dores), indo de encontro a todas as probabilidades. Elas - pelas inter-relações interpessoais significativas - conseguem se expressar nos modos de ser sendo da sobrevivência, com esperança e resistência, se permitindo ser solidário e até mesmo feliz. Durante o tempo todo, mesmo nos relatos mais dramáticos não percebo infelicidade, de alguma forma mesmo vivendo imersos as injustiças sociais esses meninos conseguem ter seus momentos de felicidade. É como se fossem renascer das cinzas. Nietzsche (in YALOM, 2005, p. 07) escreveu em “Assim Falou Zaratrusta” - “Você tem que estar preparado para se queimar em sua própria chama: como se renovar sem primeiro se tornar cinzas?”

O que foi constatado nas ruas – intermediado pela pesquisa - é que se a miséria não é o único agravante para que as crianças e adolescentes que (sobre)vivem em situação de rua, pelo menos tem sido um dos principais, já que este fator tem levado um contingente cada vez maior dos “filhos da pobreza” às ruas, em busca de melhores condições de vida, em busca de comida, das condições básicas que deveriam ser supridas pelo Estado, legitimada pela sociedade.

Tia, lá em casa tem muito menino, não é só da minha mãe não, tem também os das minhas tias contando os pirralhos todos dá uns onze tia, pão a gente não come todo dia não, por isso é que a

gente precisa ajudar vendendo amendoim, mas primeiro eu vou para escola, se não minha mãe não recebe o dinheiro da ação social (bolsa família, programa do governo federal), você compra um? Você pode me levar de combi para casa, eu estou com mais uma prima e uma vizinha, elas estão lá em baixo [J.M., 9 anos de idade e vende amendoim na praia de Itaparica, parece que ainda não se envolveu com o grupo que vive nas ruas] (Diário Itinerante).

As meninas constituem-se um capítulo a parte apesar de lutarem com os meninos de igual para igual pela sobrevivência, estão mais expostas. São usadas por oprimidos, opressores, e trazem consigo parte dessa sociedade excludente e machista..

Nas ruas experienciando e sentindo a falta concreta de opções, seu ser sendo se constrói a partir de designações negativas de outras pessoas. É a sociedade moralizadora que a denomina de “perdida”, “bandida”, “desgraçada”, “prostituta”.

Tem jeito para mim não tia, olha aí tá vendo como essas Patricinhas me olham (aponta para umas adolescentes que passam na rua e as encara), acham que a gente é bicho, bandido, quer saber sou mesmo e não tô nem aí [S., tem 17 anos de idade, possui muitas marcas físicas de rua, cicatrizes profundas - que compõem um estigma - mas ainda continua muita bonita e é muito vaidosa também] (, Diário Itinerante).

Após um período de indecisão dentre os grupos de crianças e adolescentes decidi eleger três protagonistas: Doidinho, Lua e Tati.

Penso que, de modo poético, não conseguiria "explicar"² a escolha, mas sem dúvida é a empatia que me conduziu às escolhas, isto é, histórias e enredos que de diversas formas me tocaram e sensibilizaram, como por exemplo: a) eles não tinham mais vínculos com

² Melhor seria, dentro do clima fenomenológico-existencial, escrever “compreender”.

a família; b) experienciaram abandono escolar; c) estavam há mais de cinco anos na rua; d) mantinham vínculos entre si; e) havia uma menina negra (tema de meu interesse); f) um deles não vivia em grupo na rua . Os três perambulam pelo bairro de Coqueiral de Itaparica.

4. O COTIDIANO E A HISTÓRIA DO MENINO DE SORRISO DOCE - LUA

(...) os relatos cotidianos contam aquilo que apesar de tudo, se pode aí fabricar e fazer. São feitura de espaço (CERTEAU, 1994, p. 207).

Lua fala no seu “modo de ser sendo” falando pouco, tem uma docilidade encantadora na voz, nos gestos contidos, sempre fui impressionada com ele, provocando-me ao que Freire (1985) denomina de “quefazer” do educador social de rua, a potência de seu ofício. Lua é um educando adorável e dialogar com ele, tem sido, por isso, um aprendizado constante como bem destaca Freire (1993) ao revelar que todos nos educamos mutuamente.

Segundo relatórios de educadores de rua da Secretaria de Ação Social, Lua esta nas ruas desde os seis anos de idade. “

(...) eu não gosto de sair daqui de Coqueiral, os moleques da Praia são muito tirados. Quando saio só vou para Governador Valadares (MG), [lugar onde tem amigos também meninos em situação de rua]. Eu não gosto da praia! (Diário Itinerante).

Lua é conhecido dos moradores, não costuma cometer furtos, essas são suas - entre algumas táticas de sobrevivência, com diz Certeau (1994) – aparecem os modos de ser sendo honesto na situação dada. Ao ser perguntado sobre o assunto ele diz:

Tá doida Tia? Vê se eu vou sujar o lugar aqui, se eu sujar para onde eu vou? Aqui todo mundo me dá comida, me dá roupa,

esses dias tinha um carinho querendo me bater e a dona do salão não deixou, vê se eu vou piranhar³ aqui? (Diário Itinerante).

Ele também tinha um modo de ser sendo alegre e Frankl (1991) destaca o papel do "humor" no "Otimismo Trágico" que ajuda transformar a experiência negativa em positiva. O humor pode levar a uma invenção tática (CERTEAU, 1994) do diálogo (FREIRE, 1983) instaurando forças ao enfrentamento.

Encontrei Lua numa rua afastada de Coqueiral e estava com o peito todo queimado. Pedia esmolas. . Sorriu para mim e perguntou-me: (...) e ai tia, beleza? (Diário Itinerante).

Nos “modos de ser sendo do Cuidado” de “mim mesma” como educadora de rua, eu me assustei com as queimaduras e perguntei como foi aquilo. Ele me respondeu que estava dormindo sozinho e tinha cheirado muito e acordou pegando fogo, (...) acho que foram os ‘playboyzinhos’ daqui tia se eu pego eles, vão ver” (Diário Itinerante).

Na rua os meninos não costumam viver sozinhos. O outro é apoio. Geralmente, dormem em grupo. Trata-se de uma forma de se protegerem já que moram em “uma casa muito engraçada que não tem portas e não tem nada”.⁴

O fato de os meninos se estabelecerem em locais não determinados, pode representar uma burla as normas sociais, que obviamente nem sempre é aceito. Na alienação cotidiana, devido à ideologia dominante, o sujeito é oprimido, despojado de si mesmo – como destaca Paulo Freire (1988).

Tia bateram tanto na gente... Em mim não bateram muito por que foi a primeira vez! Mas ‘os caras’ já tinham avisado a Lua que os policiais não o queria mais aqui em

³ Termo usado nas ruas que quer dizer roubar.

⁴ A casa, canção popular de Vinicius de Moraes.

Coqueiral. Eles quebraram ele todo... (Mar, um menino de 10 anos cuja família mora em Governador Valadares, Estado de Minas Gerais, que está nas ruas de coqueiral há aproximadamente um ano). Ele continua dizendo “aqui o pessoal é mais ruim do que em Governador Valadares, eu vou embora (Diário Itinerante).

Escutamos, como educadores e educadoras de rua, relatos nos “tocam”, isto é, mexem com nossa subjetividade e com os nossos modos de ser sendo... As narrativas, com tantos detalhes nos revelam autoridades atuando com perversão e crueldade, quando deveriam protege-los.

Um dia eu vou casar, ter uma casa igual aquela ali [me apontando para uma bonita casa na rua], vou largar o tinner e ter o maior carrão, de "playboy" mesmo, vou ter filho também, mas ninguém deles vai para rua, todo mundo vai estudar, não vai ser igual a mim não (Diário Itinerante).

Apesar de não ter ido a escola, essa instituição é importante para o Lua. Eu capturo isso! Um educador social deve sempre capturar isso! Lua não perdeu a capacidade de sonhar... São nos sonhos que seu mundo se transformam.

5. A HISTÓRIA DE MEU SEGUNDO PROTAGONISTA: O DOIDINHO “LINTON”

Linton é diferente de Lua - afinal todos somos diferentes! Trata-se de um menino de gargalhada farta, fácil. É um sujeito alegre que a canção popular bem (des)vela: “(...) o feto forte que escapou da morte” [Gabriel o Pensador]. Linton diz que tem 14 anos de idade e chama atenção de nós educadores e educadoras de rua por ser muito trabalhador, esta sempre fazendo alguma coisa - está sempre envolvido em uma atividade que parece está dando "sentido à vida" (FRANKL, 1991) dele. Ele se movimenta sorrindo parecendo um trabalhador idealmente alegre com o que faz, e talvez por isso, um ou outro menino disse-me que ele era "doidinho". Os meninos estranham um dos seus no trabalho.

Conheci o menino Linton há três anos atrás. Era para ser uma noite calma em nosso trabalho, mas fomos informados que um menino havia sido baleado numa quadra

abandonada na praça de Coqueiral. Ninguém sabia direito falar quem era o menino, mas as informações que chegavam até nós eram de que ele não era do grupo de Coqueiral. Descreviam-no em um modo de ser sendo só. Quem o teria baleado seria um morador do bairro. Eram notícias desencontradas - um modo de ser sendo nas auto-defesas. Entretanto, recebemos um telefonema dos profissionais da educação da Abordagem de Rua de Vitória (ES), pedindo que nossa equipe fosse até o hospital infantil reconhecer "um menino que havia sido baleado na cabeça e ninguém conseguia reconhecê-lo" (Diário Itinerante). No hospital reconhecemos Linton apesar de bem deformado pelo tiro que levou.

Linton - como a maioria dos meninos e meninas em situação de rua - é muito pobre. Demoramos encontrar sua casa e sua mãe - há por assim dizer uma "fuga" de um lugar para outro das famílias devido, também, à referida pobreza. A miséria aqui ganha mais significado, pois a casa dele fica em uma espécie de buraco, ficando numa descida morro abaixo. Linton tem mais 3 irmãos, e não é filho do homem que atualmente vive com sua mãe. A mãe conta que ela mesma prefere o filho na rua, pois seu marido atual já tentou matá-lo algumas vezes.

Meu marido não gosta de meu filho. Antes de ter o Linton eu já vivia com o meu marido, aí a gente brigou e eu saí de casa e por "azar" [no sentido de não ter controle ou opção frente ao fato] peguei barriga. Fui até num lugar lá no centro de Vitória para tirar o menino, mas meu dinheiro era pouco, tomei tanto chá e não adiantou nada, por isso que ele é assim agitado [justifica os sentimentos abandônicos e os modos de ser sendo na solidão de Linton]. (Diário Itinerante).

Nossa surpresa foi muita ao reencontrar Linton seis meses depois nas ruas. Assim recomeçava a (sobre)vida de Linton, não era o mesmo menino, às vezes não falava coisa com coisa, já não andava mais direito e os meninos passaram a chamá-lo de "doidinho".

Escolhi o Linton porque sua alegria era algo que me cativava ao mesmo tempo me intrigava, que motivos teria esse menino para sorrir? O cotidiano de Linton não é tão diferente de muitos outros - mas confesso ao leitor (nos meus modos de ser sendo

fenomenológica-existencial) que me tocava. Por que sorrir com uma história tão trágica? Frankl (1981) desvelaria o otimismo apesar de tanta tragicidade como modos de ser sendo resistente e resiliente. Levado à rua e aí deixado, como se não bastasse ter sido, como todos nós (FRANKL, 1991), jogados no mundo - ele só+ri. Entregue a mãe-rua - uma mãe muitas vezes parecida com as mulheres não preparadas social e historicamente para sê-lo.

Certa noite estava com um dominó de palavras quando Linton se aproximou. Perguntei se ele queria jogar: - Não!

Mas, nos seus modos de ser sendo curioso ele me disse que não conhecia as letras. Ele me disse que já tinha ido à escola: Mas, lá não aprendi nada.

Foi taxativo. Prosseguiu dizendo que:

Eu acho que aprender a ler é muito, mais muito difícil, só aprende a ler quem é muito, mais muito inteligente. [reforça] Eu não gostaria de aprender agora a ler. [disse em determinado momento da relação de ajuda estabelecida por mim junto a ele] (Diário Itinerante).

Algumas vezes eu reflito que entre os meninos que estão em situação de rua, saber ler - alguns instantes vividos - não se constitui uma necessidade concreta e imediata. Não apreendido essa tarefa da escola como "coisa" de urgência. Paulo Freire (1985) em seus estudos descreve a escola pública brasileira como burguesa e que não se interessa efetivamente em manter tais discentes no seu núcleo.

A escola em Paulo Freire (1985) é um espaço provocativo e de criatividade, conquistando o aluno e a aluna. No seu poema "A escola" ele a define com rigor e sensibilidade, uma instituição que, se assim fosse, teria capturado Linton e outras crianças e adolescentes em situação de rua.

A escola exclui, algumas vezes, a criança e o adolescente que como Linton encontra-se em situação de rua, daí a necessidade do educador de rua, a potência de seu ofício.

Em Linton, parecia-nos que o sentimento predominante nele era de ser rejeitado (como subjetividade naturalizada). A escola era algo que não se discutia com ele. Parecia experienciar uma vida nômade, um opositor as regras institucionais escolares:

Ah, tia as tia lá da escola davam graças a Deus quando eu faltava, eu mexia com todo mundo, andava o tempo inteiro, tenho nervoso de ficar parado, sentado o tempo todo, não sei como os caras lá conseguia, todo ano eu reprovava, mas eu sei algumas letras, sei escrever meu nome, quer ver? Eu tia, entrava na escola e saía, às vezes por que eu vinha para rua e passava muito tempo quando minha mãe pedia para eu voltar não podia mais, eu até gostava da escola, tinha merenda e eu jogava futebol com os moleques, mas só isso, as professoras são muito chatas, viviam brigando, mas os moleques também não paravam quietos, eu também, não sabia nada mesmo (Diário Itinerante).

No seu corpo miúdo, Linton trazia marcas físicas e em seu repertório gestual a dureza e a doçura do riso. Foram facadas, quedas, tiros. Foi resistindo a uma existência bem tóxica - no sentido simbólico.

Seu sonho...

[...] quando eu crescer quero ter um depósito igual ao do Zoidi [que toma conta de um depósito que recebe material reciclado para revenda] ai eu vou colocar um monte de carrinho na rua, muito mesmo, vou ter dinheiro e dar uma casa para minha mãe e uma bicicleta para meu irmãozinho, vou dar um monte de boneca para minha irmã, um monte (Diário Itinerante).

Tudo na rua (das crianças e adolescentes que nela estão experienciando) é muito impreciso e inseguro. Uma hora é dia, e à noite vem sem que percebamos. Para os educadores sociais de rua, às vezes é impossível saber quando se dará o último diálogo

o último acolhimento a esse ou aquele garoto. Esse profissional leva consigo as respostas científicas de valor e de impacto (positivo ou negativo) de um único encontro, um único diálogo. Linton some.

Em uma manhã comum ao abrir jornal para ler como faço todas as manhãs observei uma pequena nota no canto do jornal informando (local destinado as informações menos importantes) que um adulto (o jornal erra ao chamar o adolescente de adulto) conhecido como Doidinho [leia-se Linton] havia sido morto por uma menor e um adulto a pedradas por conta de uma sacola de latinhas (anexo 19). Lembrei-me da canção de Gabriel Pensador: “demorou, mas a pátria mãe gentil conseguiu realizar o aborto”. Naquele momento eu não era apenas pesquisadora! Não era apenas educadora social! Eu era uma pessoa que pude ser nomeada: - Jacyara! Senti-me só e impotente, a presença afetiva e efetiva junto aos meninos nos faz sangrar a alma e isso dói , dói muito, a angustia que tomou conta de mim era muito maior do que eu poderia suportar naquele instante. Sei dos necessários distanciamentos reflexivos, mas sei dos envolvimento existenciais - um sem o outro de nada adianta. Permiti-me deixar tocar pelos ventos da dor - e é assim mesmo que vejo essa experiência - sem envergonhar-me de sentir toda a carga dramática de toda existência, sempre efêmera e incompleta (Diário Itinerante).

Linton era o elo mais frágil de toda uma situação social de injustiça.

6. TATI, A GAROTA E SUA HISTÓRIA

Tati está nas ruas há aproximadamente 8 anos.,eu acompanho-a já há cinco anos, mas ela é conhecida de conselheiros tutelares e das assistentes sociais. Eles afirmam que Tati encontra-se em situação de rua há 8 anos. A menina em situação de rua vive um ônus a mais pelo fato de ser mulher. Tati, logo nos primeiros anos de vida foi “dada“ por sua mãe a uma família extremamente pobre em Terra Vermelha.

[...] minha mãe, tia, era puta, tinha eu e meu irmão e me deu para minha avó [Tati chama de avó a senhora que ficou com ela, que cuidou dela um tempo nos seus modos de cuidar descuidando - pois a colocava pedindo esmolas nas ruas]. Essa, tia, nunca ia dar um filho meu, nunca [como fez sua mãe] (Diário Itinerante).

As meninas em situação de rua de uma maneira geral têm sua primeira experiência sexual muito nova e ainda em casa, no caso de Tati, a mesma sofreu abusos num local conhecido como "point" de prostituição masculina e feminina, além de espaço de sexo livre. Trata-se de uma praia deserta localizada no fim da Praia de Itaparica:

Tinha saído com minhas primas [netas da mulher que ela chama de avó] para pedir. Então dois homens chamaram a gente. Disseram que ia dar dez reais a cada uma. Nos fomos na hora. Ficamos com um pouco de medo mais fomos. Chegou lá tia ele amarrou a gente na arvore e só não comeu J. porque ela tinha 5 anos e ela ficou chorando muito. Eu não chorei nem G., mas fiquei com muito ódio dele. Se eu tivesse uma faca enfiava lá naquele lugar, tia! Ele fez pela frente, por trás, foi tanto sangue que saiu que a gente não conseguia andar. Eles morderam agente toda e disse se agente falasse para alguém eles matavam a gente, matava mesmo tia, eles mostraram um revolver deste tamanho para nós [fez um gesto com as mãos indicando o tamanho] (Diário Itinerante).

Tati tem algumas marcas causadas por surras levadas de meninos nas ruas. Mas o que mais revolta Tati é a violência policial, a de seus parceiros é encarada por ela como algo normal.

Esses policiais também tia, quando pegam a gente, se a gente não faz o que eles querem eles comem a gente na pancada, por

isso a gente faz o que eles querem, eles levam a gente lá para o “cofre”(módulo da PM) e lá eles fazem de tudo, mordem o peito da gente enfiam o revolver dentro da gente, enfiam o dedo e manda a gente chupar eles, o careca tia (o sargento responsável pelo módulo) é o pior, acho que aquela praga nojenta não tem mulher não, eles não enfiam o “piru” (órgão genital masculino) na gente porque tem medo de pegar AIDS, mas o que eles têm na mão eles enfiam, filho da puta (Diário Itinerante).

A ação violenta que produz uma relação conflituosa entre a polícia e os meninos em situação de rua é revelada em nossa literatura, os responsáveis pela ordem pública e proteção da infância, são os mesmos agentes públicos que a transgridem de forma perversa.

O discurso da garota é facilmente comprovado em algumas marcas causadas por surras levadas pelos “seus amores”, entre eles Maninho. Ser agredida pode significar experienciar perdas, pois se alguém a fere, é porque além de não amá-la (ou amá-la de modo sádico) deseja destruir o seu corpo. Perde o amado, o amante e o amor.

[...] a elaboração da dor da perda é um dos trajetos mais duros a serem percorridos pelo ser humano. (...) Cada pessoa encontra um canto particular para o seu choro e, aos poucos, o coração pára de sangrar. No entanto, sempre restam feridas [...] (SUPLICY, in RIBERIO, 1998).

Tati engravidou ano passado e quando estava com sete meses deu a luz na calçada de um restaurante em Coqueiral. O filho não é de Maninho(homem de 30 anos com quem ela vivia) diz ela:

Ah! Tia, o Maninho não faz filho não! Aí procurei outro, eu via as mulher passando com a barriga grande, achava bonito e queria ter um também. Olhe foi muita dor, ai o menino nasceu, era lindo, mas não chorou! Maninho disse que o nenê nasceu morto! Depois que eu tive o filho na calçada eu e Maninho

pegamos carona no carro da policia e fomos lá na maternidade. Ele morreu mesmo tia! Era tão cabeludinho! O Maninho disse que parecia comigo! Aí tia foi outra dor! A medica enfiou a mão dentro de mim e tirou mais um monte de coisa de dentro de minha barriga! Foi dor viu tia! Mas eu quero ter um menino sim! Não vou dar para ninguém como minha mãe fez! Também não vai ficar na rua não (Diário Itinerante).

No cotidiano de Tati, o mais amargo, (des)vela sua maternidade, seu desejo de ser feliz e mãe.

Tati se droga muito! Ela faz uso constante de “tinner” e do “crack”, talvez por isso esteja tão magra, e tenha perdido o neném - além de outros motivos para essa vivência de perda.

Tati é disputada por dois adultos de rua, na história dos dois, Tati rompe primeiro com Maninho, mas tudo de modo muito alternativo, fora das nossas perspectivas dentro da classe média Rompem, mas ficam também juntos, e aparece um Terceiro (Outro do Outro). Tati vai morar com G., também adulto, mais novo que Maninho, também filho de classe média baixa. G. tem uma história jurídica de roubo e homicídio, que parece interferir na sua subjetividade, reforçando suas atitudes violentas contra Tati. G. oferece droga com fatura à garota:

Quando eu tô com G. nem preciso pedir, ficar brigando, tem droga toda hora (Diário Itinerante).

G. já tentou matar Maninho por conta de Tati - cumprindo os desígnios sociais e históricos acerca de “amor” e sua representação social, que se distancia do amor defendido por Frankl (1991) fonte do sentido da vida, de Paulo Freire (1993), fonte do diálogo e de Certeau (1994), onde podemos inferir, como fonte do cotidiano inventivo.

Nós estava dormindo tia e G., chegou com uma garrafa quebrada para enfiar em Maninho, só que Maninho acordou na hora e bateu muito em G., até quebrou os dentes dele.” [Tati conta com orgulho esses acontecimentos, afinal ela é o alvo das

disputas, e o que isso representa socialmente em ser mulher no Brasil, “mulher amada”] (Diário Itinerante).

.Retomo um pouco agora a morte de Linton. A notícia da morte (por assassinato) dele produziu preocupações entre nós (educadoras), pois afinal ele é um dos nossos educandos. Eu então, que li, isso teve forte impacto devido a meu modo de ser sendo educadora-envolvida com as questões humanas deles (meninos e meninas). À noite retomo as ruas, meu espaço de intervenção psicopedagógica. Defronto-me com a notícia acerca da morte (algo que ainda luto para que produza estranhamentos no meu ser sendo educadora) - envolvida existencialmente. Levo imediatamente outro choque de estranhamentos: Tia a Tati e o G. mataram o Doidinho [Linton] - me disse A (Diário Itinerante).

Escutei os queixumes frente à perda tão próxima, e contra eles mesmos. Meu papel é escutar e não perguntar, e perguntar aqui tem pouco sentido para a Educação Social, a não ser para a prática policial e jurídica.

Segundo um policial do bairro, Tati (a garota) e G. foram presos porque alguém denunciou e eles foram pegos “em flagrante”, isto é, logo após o crime mesmo. De certo modo, esse “flagrante” desvela insegurança, falta de controle e organização do evento violento. A garota foi encaminhada para a UNIP (Unidade de Internação Provisória

Confesso que não senti vontade de visitá-la, pelo menos naquele momento. Não sentia nem mesmo vontade de continuar a pesquisa, pois afinal Tati, Lua e Linton (o Doidinho) eram pessoas de pesquisa. O que eu faria com tanta perda? Fui até ao meu orientador que me disse: “ - Continue com a menina, ela tem muito dos seus modos de ser sendo para revelar a você e para sensibilizar a comunidade para as causas dos sujeitos que estão abandonados na rua e nela sobrevivendo!”. Senti-me protegida. Apareceu o Professor Ferraço e reforçou a idéia do meu orienta(dor) (Diário de Itinerância)

7. IMPLICAÇÕES DESSE ESTUDO

Nossa proposta foi a de descrever alguns modos de ser sendo (sobre)vivência das crianças e adolescentes em situação de rua. Uma descrição fenomenológica-existencial se presta justamente aos detalhes descritos e as sensibilidades (subjetivas dentro da objetividade da vida vivida), que subsidiam a teoria dos “modos de ser sendo si mesmo no cotidiano do mundo”, podem se prestar - diante do (des)velado – possibilidades de se construir Políticas Públicas educacionais e sociais mais favoráveis a essas crianças e adolescentes em situações de riscos psico-sociais, pois nós as escutamos em seu cotidiano de táticas inventivas, dos sofrimentos, dos enganos, dos enfrentamentos nos modos de ser sendo... e inventando desse lugar público espaço de diálogo diante da dramaticidade que é viver de modo injusto.

Ademais, nosso estudo, vem destacar a importância de se trabalhar psico-pedagogicamente crianças e adolescentes em situação de risco psico-social,

O professor escolar, lendo nossa produção, poderá (des)velar a si mesmo, modos de ser sendo um aproveita(dor) estrategista das “brechas” que sutilmente ou não se põem à sua frente e significa “ensine esse menino”.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, José Luiz Vieira de. **Tá na rua**: representações da prática de educadores de rua. [s.l.]: Xamã, 2001.

ARENDT, H. **Eichmann em Jerusalém**. Um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

_____. **Crianças vitimizadas**: a síndrome do pequeno poder. São Paulo: Iglu, 1989b.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias**; uma Introdução ao estudo da Psicologia. 13.ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

BRASIL. Constituição (1998). **Constituição [da] República Federativa do Brasil. Brasília**: Senado Federal, 1998.

..

CAPPI, Ricardo. **Sujeito de direito e prática educativa**. São Paulo: Cortez, 2000.

CARRARA, Alessandra Fernandes. As crianças e Adolescentes de rua no Brasil. **Revista do CREIA**, 1999.

CEDES. Cadernos Cedes 33. **Educação e multiculturalismo**: Favelados e Meninos de Rua. 1. ed. Vitória: 1993.

CEDES. Cadernos Cedes 38. **A fala dos excluídos**. 1. ed. Vitória: Agosto / 1996.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Tradução de Ephaim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

_____. A linguagem da violência. In: **A cultura no plural**. São Paulo: Papirus, 1995.

CHAUÍ, Marilena. Prefácio. In: **Heidegger**. Coleção “Os Pensadores”. Abril.

DEL PRIORE, Mary (org.) **História das crianças no Brasil**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2002.

ESCOREL, Sarah. **Vidas ao Léu**: Trajetórias de exclusão social. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Brasília: Ministério da Criança/Projeto Minha Gente, 1991.

FENELON, Gracia. **Meninas de rua**: uma vida em movimento. Goiânia, CEGRA / UFG, 1992.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia Fenomenológica**: fundamentos, método e pesquisa. São Paulo: Pioneira, 2001.

FRANKL, Viktor. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Tradução de Walter O. Schulupp e Carlos Aveline. 2.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1991.

_____. **Um sentido para a vida**: psicoterapia e humanismo. São Paulo: Editora Santuário, 1989.

FREIRE Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. **Educação Popular**. 2.ed. Bahia: Equipe Todos irmãos, 1988.

_____. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. **Políticas e educação**. São Paulo: Cortez, 1993.

GRACIANI, Maria Stela Santos. **Pedagogia social de Rua**: uma análise e sistematização de uma experiência vivida. 3. ed. São Paulo: Cortez / Instituto Paulo Freire, 1999.

LEITE, Ligia Costa. **A magia dos invencíveis**. Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

_____. **A razão dos invencíveis**: meninos de rua - o rompimento da ordem (1554-1994). Rio de Janeiro: Editora UFRJ / IPUB, 1998.

_____. **Meninos de rua**: a infância excluída no Brasil. São Paulo: Atual, 2001.

_____. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

MORATO, Henriette T. P. **Eu-supervisão**; em cena, uma ação buscando significado sentido. Tese de doutorado. São Paulo: IPUSP, 1989.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O Método Fenomenológico na Pesquisa**. São Paulo: Pioneira, 2002.

_____. **O Método Fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomasson Learning, 2004.

MORIN, Edgar. **Cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

OLIVEIRA, Inês Barbosa e ALVES Nilda (org.) **Pesquisa no/do cotidiano das escolas** - sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

OLIVEIRA, Walter Ferreira de. **Educação social de rua**: As bases políticas e pedagógicas para uma educação popular. Porto alegre: Artmed, 2004.

PENNA, Antonio Gomes. **Introdução á Psicologia fenomenológica** - Rio de Janeiro: Imago Editora, 2001.

ROCHA, Rosamaria Luiza de Melo. **Uma cultura da violência na cidade?** Rupturas, estetizações e reordenações. São Paulo: Perspec, 1999, vol.13, n.3, p.85-94. ISSN 0102-8839.

Rogers, Carl R. **Liberdade para aprender**. tradução de Edgar Godoi da Mata e Mario Paulo Andrade. Belo Horizonte: Interlivros, 1978

RAMOS, Lílian Maria Paes de Carvalho. **Educação Social e Educação Popular: o que é, o que faz, o que pretende a educação de rua**. Rio de Janeiro: Amais Livraria e editora,1999.

ROMANS, Mercê; PETRUS, Antoni; TRILLA, Jaume. **Profissão educador social**. Trad. Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SACRISTAN, Gimeno. **O aluno como invenção**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SAWAIA, Bader et al. **As artimanhas da exclusão** - análise psicossocial e ética da desigualdade social. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

TELLES, Vera da Silva. **Pobreza e cidadania**. . São Paulo: editora USP, 2001.

UNICEF. **Meninos e Meninas de rua**: políticas integradas para a garantia de direitos / Paica-rua (org). São Paulo: Cortez, 2002.

UNICEF / SAS / FUNABEM. Paulo Freire e os Educadores de Rua. **Projeto alternativas de atendimento aos meninos de rua**. 2. ed., 1987.

_____. **Projeto alternativas de atendimento a meninos de rua**. Outubro/1986

YALOM, Irvin D. **Quando Nietzsche chorou**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.